

BOLETIM DO LEITE

Uma publicação do CEPEA - ESALQ/USP

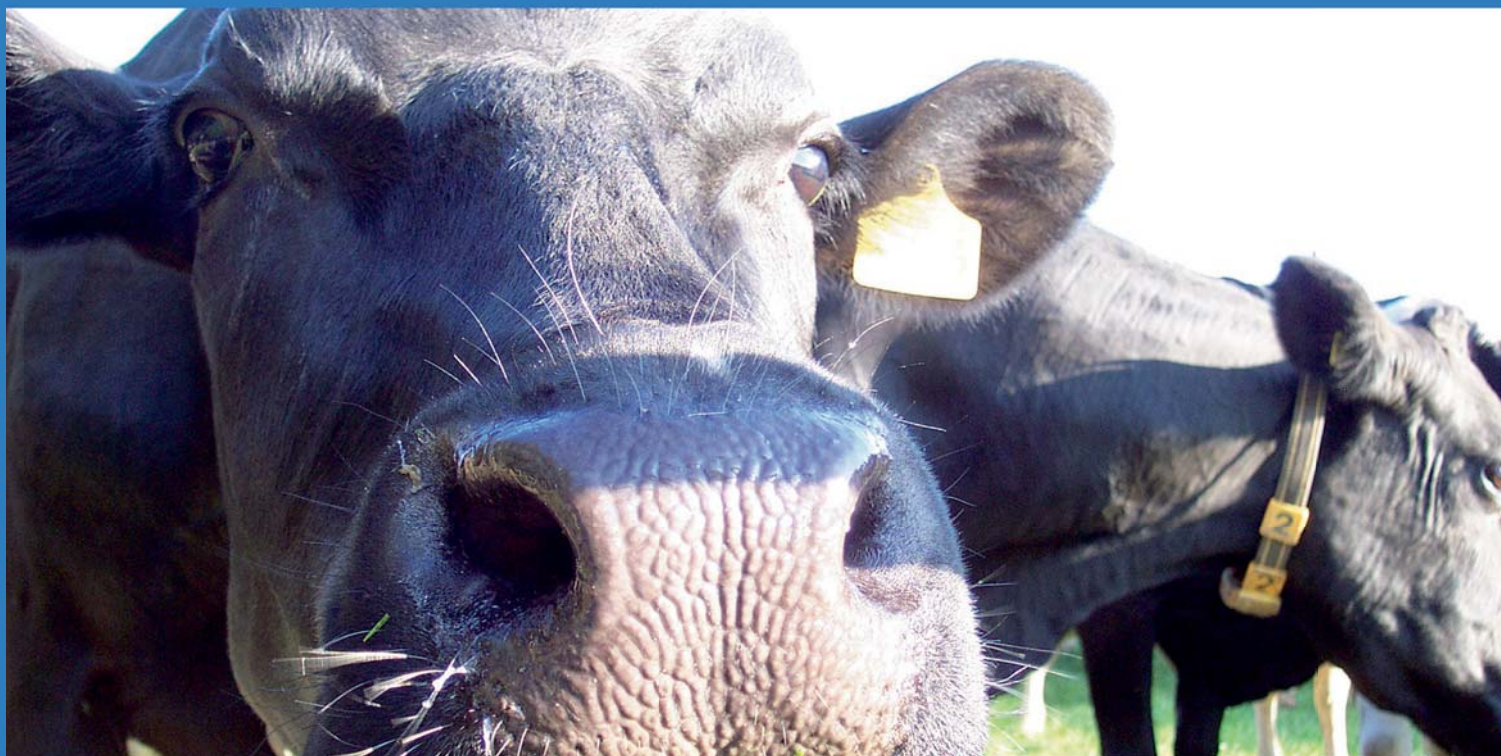
Ano 11 - Nº134 - Julho/Agosto de 2005



Segundo Semestre:

PREÇOS RECUAM E AUMENTA IMPORTÂNCIA DA GESTÃO DO CUSTO

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA
VENDA PROIBIDA



Ao PRODUTOR

PREÇOS CONTRARIAM
TENDÊNCIA HISTÓRICA
E CAEM 4,3%
EM JULHO
PÁG. 02

DERIVADOS

PREÇOS COMEÇAM
A RECUAR
EM JUNHO

PÁG. 04

PREÇOS DO LEITE AO PRODUTOR CAEM ANTES DO ESPERADO

Em junho, a combinação de vendas estagnadas de leite e derivados no mercado interno com o aumento da captação de laticínios/cooperativas em alguns estados resultou em estabilidade dos valores recebidos pelos produtores naquele mês, referente ao leite entregue em maio. Os preços que seguiam em alta desde o início do ano davam sinal de enfraquecimento.

Historicamente os preços do leite pagos ao produtor atingem o pico em julho ou agosto, mas neste ano o máximo foi antecipado para junho. No Rio Grande do Sul, Paraná e em Goiás, já no final do primeiro semestre, os preços estavam em tendência de queda. Em junho, a maior parte dos laticínios também voltou a descontar o frete do valor pago ao produtor.

JULHO - Desde a implantação do Real (julho/1994) que o leite ao produtor não registrava queda significativa no mês de julho. Historicamente, os preços do leite, em julho, apresentam alta de 2% em relação a junho. Contudo, neste ano, o tipo C, em julho, teve queda significativa de 4,3% em relação ao mês anterior, fechando a R\$ 0,5675 o litro, na média nacional (seis principais estados).

Dois principais fatores são atribuídos a este novo cenário. O primeiro mostra claramente o aumento da oferta diária de leite de junho para julho nos principais estados produtores e o segundo é o crescimento das importações.

No Rio Grande do Sul e em São Paulo, por exemplo, o volume captado aumentou 4,7% em julho, no Paraná, 2,1% e, em Minas Gerais, um pouco menos, 1,3%. Já em Goiás, o volume diário captado chegou a diminuir 2,1%, mas os preços também sofreram influência dos outros estados. Na média dos cinco maiores estados produtores, o aumento no volume foi de 3,47%.

A Bahia foi o único estado onde os preços médios não recuaram em julho – mantiveram-se estáveis. A exemplo de Goiás, a oferta também diminuiu nesta praça, mas o total disponível é bem menor que no outro estado. Vale observar a situação do centro-sul da Bahia, que obteve aumento de 4,3%,

destoando de todas as outras microrregiões pesquisadas.

O aumento do volume importado é outro fator, ainda mais preocupante, de pressão sobre as cotações do leite. No segundo trimestre de 2005, o Brasil importou o equivalente a 137 milhões de litros. Em contrapartida, as exportações foram de apenas 117 milhões de litros, acarretando um aumento real de 20 milhões de litros na oferta nacional. Já em 2004, também no segundo trimestre, a balança comercial do leite mostrava o oposto. As exportações somavam o equivalente a 119 milhões de litros e as importações apenas 81 milhões, o que propiciou o superávit do equivalente a 38 milhões de litros.

A entrada em vigor da normativa 51 do Ministério da Agricultura é outro aspecto que pode estar influenciando os preços. A partir de julho, aumentam as restrições à coleta de leite em latões, favorecendo o leite resfriado. Aqueles em condição de entregar o produto resfriado estão obtendo diferenciais nos preços.

As quedas mais significativas do preço do leite pago ao produtor no mês de julho foram observadas no Paraná (-7,9%), em São Paulo (-6,6%) e em Goiás (-6,3%). Apesar desses recuos acentuados, nota-se que nas regiões metropolitanas desses estados as variações foram menores, indicando que o consumidor pode não estar se beneficiando das diminuições sofridas pelos produtores.

Em algumas bacias produtoras de Minas Gerais e de São Paulo, onde alguns laticínios começaram a pagar por qualidade do leite, nota-se que as quedas nos preços aos produtores foram menores, contudo as diferenças entre os preços máximos e os mínimos continuam na casa dos R\$ 0,10 por litro – num intervalo de R\$ 0,08 a R\$ 0,14/litro.

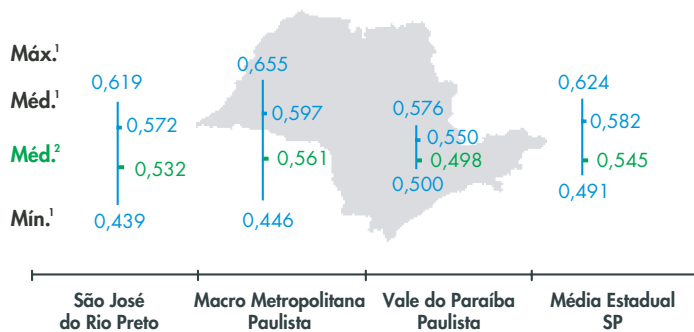
A análise regional das cotações mostra ainda que, nos estados do Rio Grande do Sul, Paraná e São Paulo, os pequenos produtores sofreram recuos maiores que os grandes ofertantes. A queda dos preços mínimos (em geral, pagos aos pequenos produtores) foi, na média dos três estados, de 10,25%, enquanto que a queda dos máximos valores (grandes produtores) se limitou a 4,12%.

AO PRODUTOR

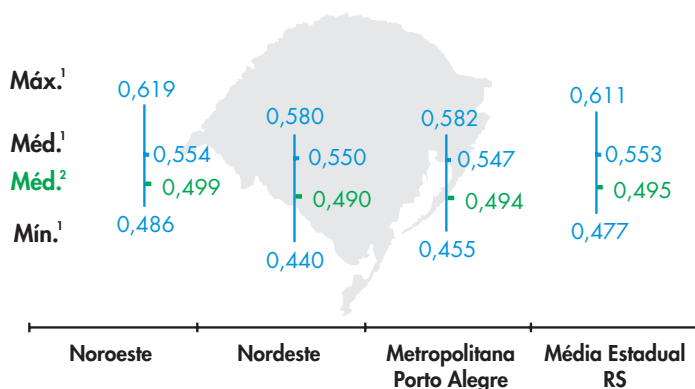
Preços Pagos e Recebidos pelo Produtor - Leite Tipo C (R\$/litro)					junho - 2005		
UF	Mesorregião	Preço Bruto Inclusive frete e INSS			Preço Líquido	Var% Bruto MAI/JUN	Var% Líquido MAI/JUN
		Máximo	Mínimo	Médio			
RS	Noroeste	0,6116	0,5044	0,5668	0,5164	0,8%	1,4%
RS	Nordeste	0,6500	0,5000	0,5800	0,5336	-1,7%	-1,7%
RS	Metropolitana Porto Alegre	0,6345	0,4533	0,5513	0,4958	-4,9%	-4,3%
	Média Estadual - RS	0,6210	0,4971	0,5669	0,5195	-0,6%	0,4%
PR	Centro Oriental Paranaense	0,6712	0,5119	0,6206	0,5858	0,1%	1,6%
PR	Oeste Paranaense	0,6086	0,4504	0,5461	0,5021	0,9%	-4,2%
PR	Norte Central Paranaense	0,5937	0,5279	0,5566	0,5029	1,9%	0,3%
	Média Estadual - PR	0,6150	0,4877	0,5661	0,5220	-0,1%	-2,0%
SP	São José do Rio Preto	0,6579	0,5070	0,6269	0,5989	0,4%	-1,3%
SP	Macro Metropolitana Paulista	0,6514	0,5219	0,6201	0,5689	1,0%	8,9%
SP	Vale do Paraíba Paulista	0,6210	0,5126	0,5737	0,5304	7,1%	5,7%
	Média Estadual - SP	0,6606	0,5948	0,6232	0,5885	1,6%	1,2%
MG	Triângulo Mineiro /Alto Paranaíba	0,6615	0,5342	0,6090	0,5712	-0,1%	1,8%
MG	Sul/Sudoeste de Minas	0,6277	0,5216	0,5792	0,5056	-1,2%	-6,0%
MG	Metropolitana de Belo Horizonte	0,6768	0,5220	0,6036	0,5700	2,6%	0,6%
	Média Estadual - MG	0,6399	0,5281	0,5904	0,5484	0,5%	0,0%
GO	Centro Goiano	0,6685	0,5167	0,6153	0,5935	-1,1%	-0,5%
GO	Sul Goiano	0,6210	0,5315	0,5994	0,5544	-0,5%	0,2%
	Média Estadual - GO	0,6395	0,5257	0,6056	0,5696	-0,7%	-0,1%
BA	Centro Sul Baiano	0,5451	0,4450	0,4895	0,4234	5,6%	-0,6%
BA	Sul Baiano	0,6020	0,4420	0,5229	0,4847	0,7%	-0,07%
	Média Estadual - BA	0,5604	0,4350	0,4987	0,4486	2,5%	-0,3%
	Média NACIONAL	0,6379	0,5332	0,5930	0,5527	0,48%	0,26%

Preços pagos ao produtor em Julho/05 referentes ao leite entregue em Junho/05 - R\$/litro tipo C

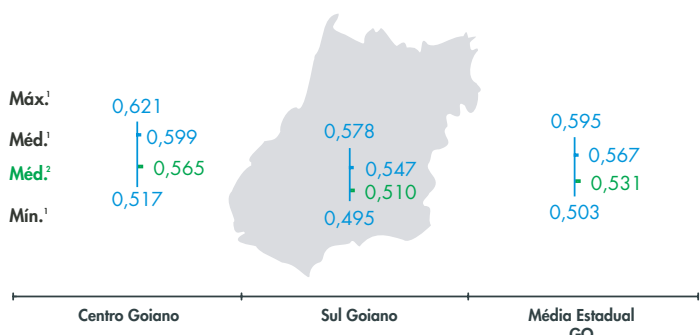
Mesorregiões de São Paulo



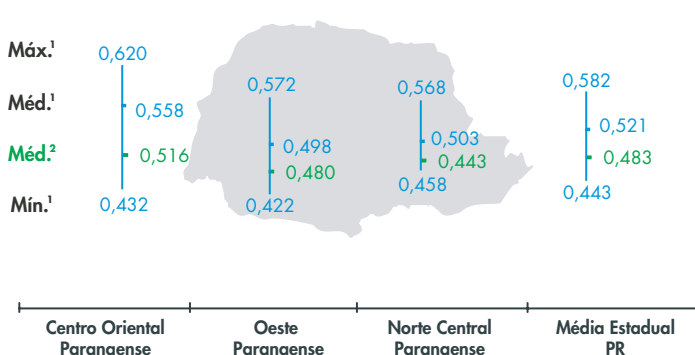
Mesorregiões do Rio Grande do Sul



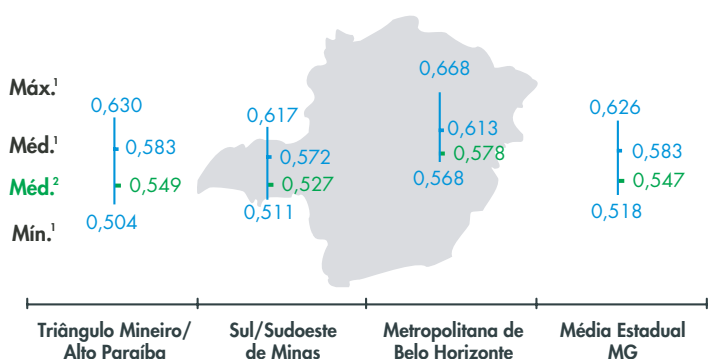
Mesorregiões de Goiás



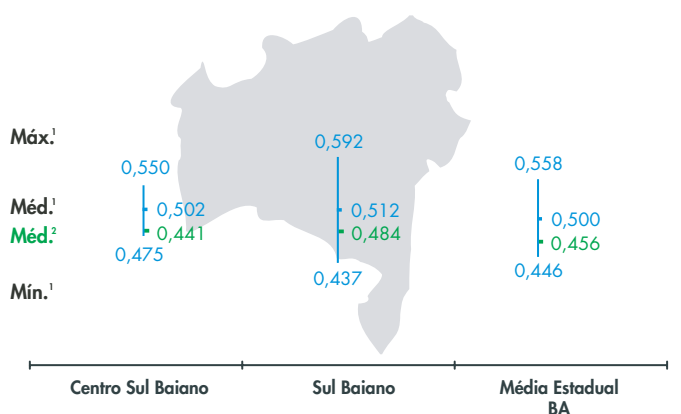
Mesorregiões do Paraná



Mesorregiões de Minas Gerais



Mesorregiões da Bahia



¹ Valor Bruto: Inclusive frete e INSS

² Valor Líquido: Livre de frete e INSS

¹ Valor Bruto: Inclusive frete e INSS

² Valor Líquido: Livre de frete e INSS

Fonte: Cepea/Esalq

Dairy
Partners
Americas



Serviço ao
Produtor
de Leite



QUEDA DE DERIVADOS REFLETE AUMENTO DA OFERTA DE LEITE

A tendência de queda de preços iniciada em maio acentuou-se em junho para todos os produtos lácteos, com exceção da manteiga. Em São Paulo, os recuos se deram de forma generalizada, enquanto nos demais estados foram observados principalmente nos fluídos. Elevações significativas dos valores foram poucas e pontuais.

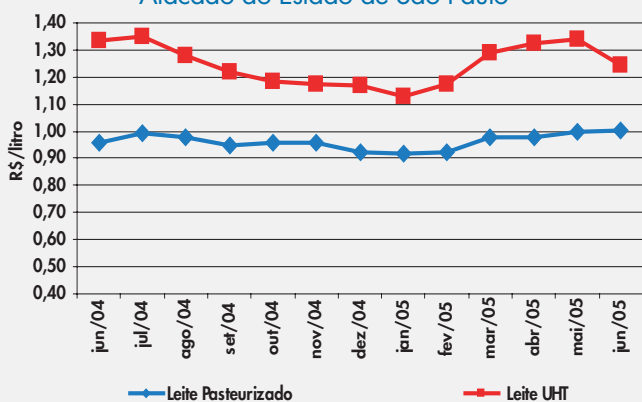
As diferenças entre preços mínimos e máximos do leite cru foram menores que as dos meses anteriores e também que o intervalo (mínimo e máximo) dos leites pasteurizado e UHT. A queda nos preços, aliada à redução da diferença percentual entre máximos e mínimos, mostra que a oferta de leite cru no mercado *spot* está aumentando, ao contrário do que se vinha observando.

As maiores disparidades entre extremos de preços encontram-se na manteiga e nos queijos prato e mussarela, com exceção do Rio Grande do Sul, onde o intervalo foi relativamente pequeno.

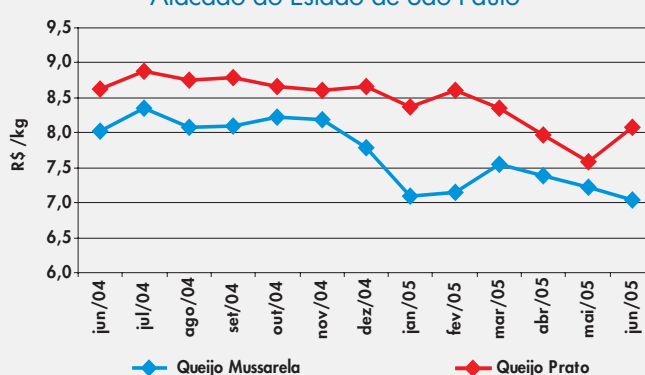
Leite cru – Os preços deste produto vêm recuando desde maio, revertendo as altas ocorridas no início do ano. A exceção fica por conta do Rio Grande do Sul, onde as cotações subiram em maio e mantiveram-se estáveis em junho. Os recuos nas principais bacias leiteiras preocuparam o setor, principalmente por estarem acompanhados de uma grande oferta no mercado *spot*.

UHT e Pasteurizado – Os preços do leite pasteurizado

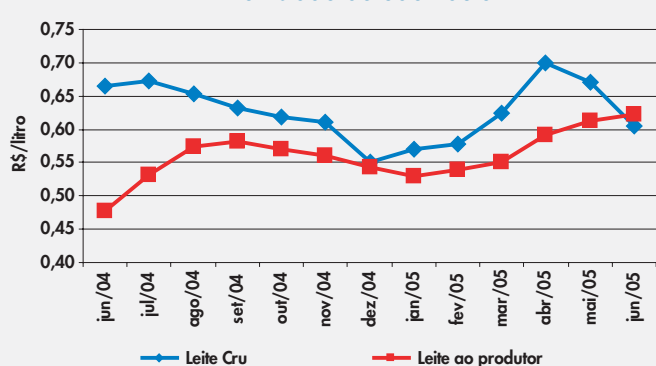
Média dos preços dos leites pasteurizado e UHT no Atacado do Estado de São Paulo



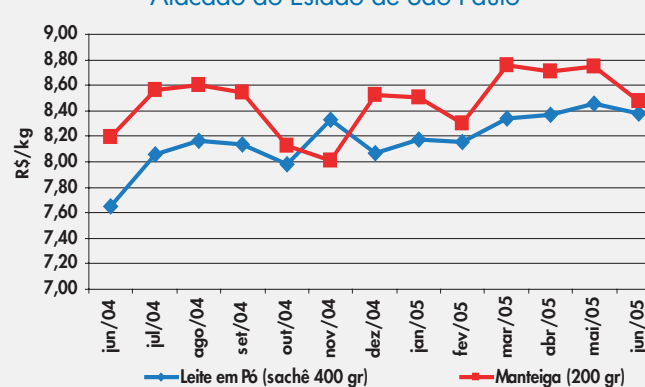
Média dos preços dos queijos Mussarela e Prato no Atacado do Estado de São Paulo

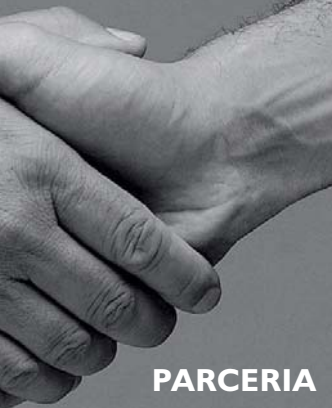


Média dos preços do leite Cru e do Leite ao Produtor no Estado de São Paulo



Média dos preços do leite em Pó e da Manteiga no Atacado do Estado de São Paulo





PARCERIA



Organização das Cooperativas Brasileiras



caíram menos os do UHT nos estados de Goiás, Minas Gerais e Paraná em junho. Já no Rio Grande do Sul, o pasteurizado recuou mais em termos percentuais que o UHT; em São Paulo, o UHT já tinha sofrido queda acentuada em maio. Para o leite UHT, os preços foram decrescentes em todos os estados em que a pesquisa foi realizada e, pela segunda vez consecutiva, o Rio Grande do Sul registrou a maior queda, de 9,6% em junho.

Leite em pó – As cotações recuaram em junho, revertendo o movimento altista registrado em maio. No Rio Grande do Sul, único estado onde houve aumento dos preços em junho (5,6%), foi possível notar que a variação positiva já não foi tão grande quanto a observada em maio (18,6%).

Queijos prato e mussarela – Os preços dos queijos tiveram quedas moderadas ou relativa estabilidade nas principais bacias leiteiras. São Paulo, porém, foi uma exceção, registrando quedas expressivas. O comportamento mais estável dos preços dos queijos na maioria dos estados pode garantir um maior rendimento às indústrias que mantêm essa linha de produtos, o que seria fundamental para compensar perdas dos momentos de retração dos preços.

Manteiga – Nos mercados de Goiás e Paraná, onde ocorreram quedas mais expressivas da manteiga em maio, verificou-se alta em junho. Em Minas Gerais e no Rio Grande do Sul, os preços permaneceram estáveis, e, em São Paulo, recuaram de maio para junho.

Preços médios praticados no Atacado em Junho/05

Produto	Dados	GO	MG	PR	RS	SP
Leite Cru - INTEGRAL	Máximo	0,66	0,67	0,70	0,63	0,64
	Média	0,62	0,63	0,65	0,60	0,61
	Mínimo	0,60	0,58	0,62	0,59	0,60
Leite Pasteurizado	Máximo	1,20	1,29	1,15	1,10	1,25
	Média	0,96	0,99	1,00	1,02	0,98
	Mínimo	0,70	0,75	0,81	0,95	0,75
Leite UHT	Máximo	1,44	1,42	1,43	1,20	1,85
	Média	1,30	1,29	1,21	1,16	1,26
	Mínimo	1,15	1,10	1,12	1,11	1,07
Queijo Prato	Máximo	9,20	10,50	8,80	9,00	12,90
	Média	7,57	8,33	7,82	8,70	8,17
	Mínimo	6,00	6,50	6,90	8,30	6,00
Leite em Pó (sachê 400 g)	Máximo	9,88	10,10	10,25	10,29	9,65
	Média	9,43	9,49	8,60	9,40	8,46
	Mínimo	8,00	7,80	7,80	7,80	7,00
Manteiga (200 g)	Máximo	10,79	14,50	11,00	9,20	11,00
	Média	8,78	8,35	7,00	9,10	8,31
	Mínimo	6,88	4,90	5,50	9,00	4,50
Queijo Mussarela	Máximo	9,60	9,75	9,90	9,00	12,00
	Média	6,77	7,59	7,61	8,37	7,20
	Mínimo	5,50	6,00	6,12	7,50	5,60

Fonte: SimLeite (Cepea, Embrapa-Gado de Leite, OCB/CBCL)



*Produtos Itambé:
Qualidade, tradição e confiança.*



O MELHOR DO LEITE PARA SUA FAMÍLIA

www.itambe.com.br

CUSTO DE PRODUÇÃO: O QUE PESA MAIS EM CADA ESCALA?

No segundo semestre, preços do leite
recuam e aumenta a importância do controle dos custos.

Por Leandro A. Ponchio¹
Juliana Moretti Ângelo²

O Cepea elaborou estudo sobre a composição do custo de produção do leite em propriedades com diferentes escalas de produção. O trabalho teve como base pesquisa via questionário aplicado em 160 fazendas de leite no Brasil, de setembro a dezembro de 2003, pelo Cepea em parceria com a FAO (Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação). O levantamento se estendeu pelos estados do RS, SC, PR, SP, MG e GO. O objetivo foi identificar os principais itens de custo nos diferentes graus tecnológicos a partir da análise dos custos operacionais totais (incluem todos os insumos, depreciações, mas excluem custo de oportunidade do capital).

Para uma análise mais clara, cada categoria de produção foi avaliada individualmente. As fazendas envolvidas no estudo foram agrupadas nas seguintes categorias: produção diária menor que 300 litros; entre 300 e 500 litros por dia, entre 500 e 1.000 litros diários; e maiores que 1.000 litros/dia.

Entre os produtores de até 300 l/dia (Gráfico 2), constata-se que o maior gasto é representado pela mão-de-obra familiar (22%),

seguido dos dispêndios com manutenção (15%), depreciação (15%) e finalmente com os destinados à alimentação do gado, como o concentrado (12%) e o volumoso (10%).

Nota-se que os três primeiros itens são basicamente “custos fixos” de uma propriedade que, neste nível de produção, representam 52% dos custos finais. É importante observar também que a participação da dieta (concentrado mais volumoso) no custo final total chega a 22%. Os cinco itens de custo acima respondem, portanto, por 74% do custo final do litro de leite produzido.

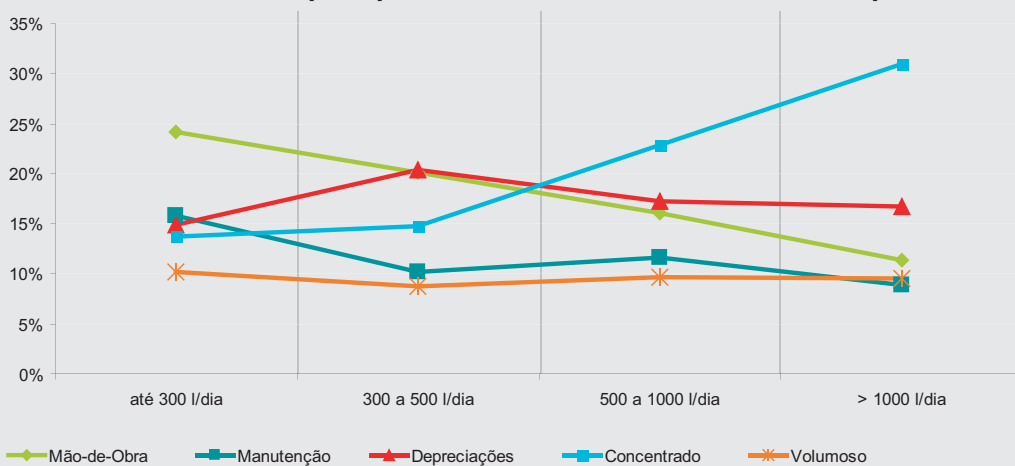
É interessante perceber que, conforme a escala de produção diária aumenta, dá-se uma queda significativa da participação daqueles itens. No caso dos produtores com maior nível tecnológico com produção acima de 1.000 litros/dia, por exemplo, os dispêndios com mão-de-obra, tanto contratada como familiar, representam somente 11,3% dos gastos finais da produção de leite. Isso se deve principalmente ao aumento da participação dos demais insumos na produção, como os concentrados e medicamentos voltados para a sanidade animal, conforme ilustrado no Gráfico 1.

Nas propriedades de 300 a 500 l/dia, o gasto com depreciação foi o de maior representatividade nos custos operacionais totais. Nesta categoria, estão os produtores em “transição tecnológica”,

que normalmente passam do sistema de coleta de leite em latão para a ordenhadeira mecânica, que começam a melhorar a genética do rebanho e a gastar mais com suplementos minerais e concentrados. O volume que produzem, no entanto, não é suficiente para garantir uma relação positiva entre investimentos e receita, sendo aconselhável passarem rapidamente para uma escala maior de produção.

Nota-se ainda que a participação dos custos com manutenção de máquina e equipamentos seriam a mesma se a produção diária fosse de 1.000 litros,

Gráfico 1: Evolução dos principais itens de custo em diferentes faixas de produção.



Fonte: Dados da pesquisa



 **DeLaval**

Contribuir para o progresso da produção leite
é nossa missão.

www.delaval.com.br

(19) 3795 - 3813/3795 - 3815



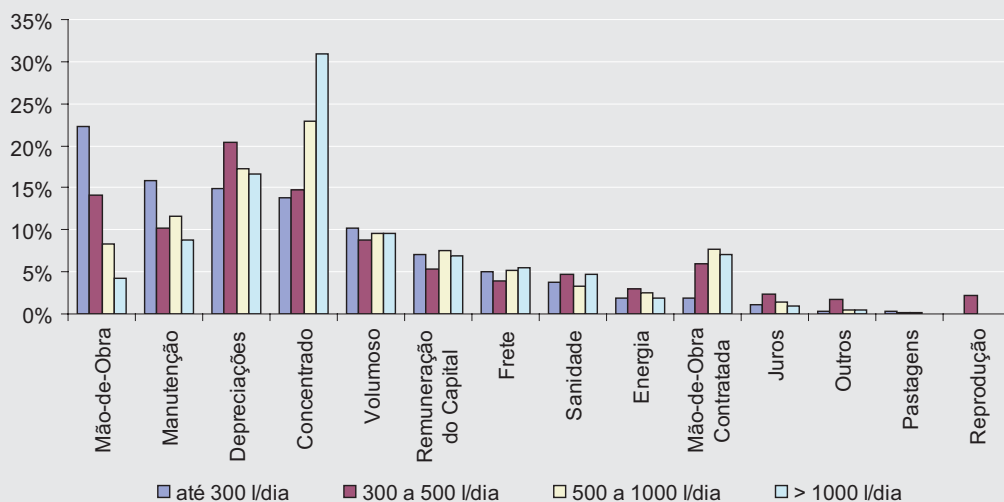
o que se deve a uma similaridade do nível tecnológico (máquinas e implementos) das fazendas das duas categorias. É evidente que nas propriedades de 1.000 litros diários o capital investido em máquinas é maior que o aplicado nas propriedades de 300 a 500 litros/dia, mas a escala permite que a participação percentual no custo final de produção seja a mesma.

Situação semelhante é observada entre produtores de 500 a 1.000 l/dia. Nessa faixa tecnológica, os criadores começam a diluir novamente os custos com depreciações, e a participação da manutenção de máquinas e equipamentos nos gastos totais fica praticamente a mesma. Nesta categoria, contudo, nota-se um acréscimo significativo nos custos com concentrados. Os produtores em questão investem praticamente o ano todo em concentrados, e a produtividade média da vaca chega à casa dos 18,2 l/dia. Vale observar também a constância do custo do volumoso no gasto final com a produção de leite. O concentrado tem, portanto, papel central para o aumento dos custos operacionais totais do leite na categoria de 500 a 1.000 l/dia.

Um dos itens muito importantes no longo prazo são os gastos com pastagens e com a qualidade genética do rebanho. Ambos não representam sequer 0,55% do custo final de produção – a única exceção é para o item “material de reprodução” nas propriedades entre 300 e 500 l/dia, que chega a 2,25%.

Uma constatação aparentemente preocupante, também com vistas ao longo prazo, são os baixos investimentos em qualidade de pastagens. É notável como o setor de produção de leite está sendo extrativista no tocante às pastagens.

Gráfico 2: Participação dos itens de custos em diferentes faixas de produção.



Fonte: Dados da pesquisa

A análise dos investimentos em ração é outra de suma importância para os produtores. Nas 160 propriedades analisadas neste estudo, estima-se que um aumento de 6,5% nos gastos com concentrado pode aumentar a produção diária de leite em 10%. O produtor, contudo, deve estar atento à qualidade efetiva (e não apenas anunciada em publicidade) das rações e adequada ao potencial genético do rebanho.

Um outro aspecto fundamental em uma análise de custo, é o nível de risco de acordo com o volume de capital investido. Uma propriedade acima de 1.000 litros diários tende a ter riscos mais elevados que aquelas de menor escala, chegando próximos aos enfrentados pelo produtor de soja e milho, dado o alto consumo desses dois itens do concentrado. Entra em cena, então, a grande importância de uma gestão agrícola-pecuária bem-feita.

¹Eng. Agrônomo, mestrando em Economia Aplicada e Pesquisador do CEPEA-Esalq/USP - laponchi@esalq.usp.br
²Graduanda em Eng. Agrônômica; membro da equipe Leite/Cepea - judy@linkway.com.br



Supra Pen e Pronto Pen. ^z

Os antibióticos prontos para uso da Vallée.

Menos trabalho para você.
Mais saúde para seu animal.



O governo federal destinará R\$ 44,35 bilhões para o Plano Agrícola e Pecuário 2005/06, o que representa um acréscimo de 12,4% sobre o valor programado para a safra passada. Do total, R\$ 33,2 bilhões vão para o financiamento do custeio e comercialização da produção, superando em 15,5% o montante previsto em 2004/05. Desses recursos, 63% terão juros controlados, com um aumento de 18% sobre a temporada anterior. Os recursos para investimentos tiveram um incremento de 4,2% sobre 2004/05, chegando a R\$ 11,15 bilhões. **(Fonte: Mapa)**

A pecuária leiteira começa a aderir ao sistema de integração lavoura-pecuária, com a supervisão de técnicos da Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária). Com a iniciativa, pretende-se criar uma fonte alternativa de renda ao pecuarista, melhorando assim a situação precária em que se encontram as pastagens no País. Além disso, o programa deve reduzir a degradação do solo, quebrar o ciclo da monocultura de pragas e doenças, produzir pasto, forragem conservada e grãos para alimentação animal na estação seca, além da palha para o plantio direto. Outro benefício seria a diminuição da dependência de insumos externos, o que aumenta a estabilidade de renda do produtor e reduz os custos tanto na atividade agrícola quanto na pecuária. **(Fonte: Revista Balde Branco)**

Também conhecida por **mamite**, a mastite é considerada a doença mais importante do ponto de vista econômico na produção leiteira. Além das perdas imediatas, a mastite afeta a produtividade dos animais em longo prazo e merece atenção contínua. De acordo com a Embrapa Gado de Leite, como a mastite subclínica é a forma mais comum da doença, e pode estar presente sem ser notada por longos períodos nos rebanhos, ela causa mais prejuízo econômico que a mastite clínica. Pode-se estimar as perdas resultantes da diminuição da produção de leite baseando-se na contagem de células somáticas. Com uma contagem de 1.500.000 células somáticas do leite total do rebanho (com 48% dos quartos infectados), a perda de produção fica próxima a 30% **(Fonte: Leite DPA)**

Câmbio gera problemas também na pecuária de leite. A atual política cambial do governo, que mantém o dólar subvalorizado, valendo menos que R\$ 2,40, já provocou danos à pecuária de leite brasileira. O setor, que no ano passado registrou pela primeira vez superávit na balança comercial, volta a importar, prejudicando a produção interna, a renda do produtor e a geração de empregos. O alerta é da Comissão Nacional da Pecuária de Leite da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNPL/CNA), ao analisar os resultados da balança comercial de lácteos do primeiro semestre. Segundo a entidade, nos últimos anos, a pecuária leiteira nacional investiu em modernização, qualificação e aumento da produtividade, mas todas essas conquistas correm risco de serem perdidas se mantidos os atuais patamares do câmbio. Com o dólar barato, há estímulo ao aumento das importações e inibição das exportações. O resultado final é o crescimento de oferta de lácteos no mercado interno, com queda de renda ao produtor, conforme já apurado pelo Cepea **(Fonte: CNA)**.

As grandes indústrias destinam uma fatia cada vez maior da produção ao pequeno varejo. A proximidade com o canal é vista pelos fabricantes como uma ponte com os consumidores de classes mais baixas, além de uma forma de não depender tanto das difíceis negociações com as grandes cadeias varejistas. **(Fonte: Valor Econômico, adaptado por TerraViva)**.



Foto: Balde Branco

No último dia 18 de julho faleceu o "seu" Bventura Gomes aos 91 anos, pai de sete filhos dentre eles o professor Dr. Sebastião Teixeira Gomes (Universidade Federal de Viçosa - MG) e o pesquisador da Embrapa Gado de Leite Dr. Aluísio Teixeira Gomes. Sua imagem de produtor e exemplo de vida nos ensina que, com a atividade leiteira, é possível educar sete filhos em nível superior. O reconhecimento do Boletim do Leite-Cepea a este produtor.

Impresso Especial
1.74.18.0518-7/2001-DR/SPI
Fundação de Estudos Agrários Luiz de Queiroz
... **CORREIOS** ...

IMPRESSO



Uso dos Correios

C.Postal 132 - 13400-970 Piracicaba, SP

EXPEDIENTE

Editor Executivo:
Eng. Ag. Leandro Augusto Ponchio

Jornalista Responsável:
Ana Paula da Silva - MTb: 27368

Equipe Técnica:
Érica R. da Paz, Juliana M. Angelo, Paloma M. P. Teixeira e Raquel M. Gimenes.

Diagramação Eletrônica/Arte:
Thiago Luiz Dias Siqueira Barros

Impressão:
MPC Artes Gráficas

Contato:
C.P 132 - 13400-970 Piracicaba, SP
Tel: 19 3429-8831
19 3429-8859
leitecepea@esalq.usp.br
<http://cepea.esalq.usp.br>

O **Boletim do Leite** pertence ao Cepea - Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada - USP/Esalq. A reprodução de conteúdos publicados por este informativo é permitida desde que citados os nomes dos autores, a fonte Boletim do Leite/Cepea e a devida data de publicação.



Motto® Mundial *Cercou, tá cercado.*

Arames de Qualidade
BELGO
BELKAERT
Belgo Bekaert Arames

0800 727 2000
www.belgobekaert.com.br